

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

RAQUEL DIAS DA SILVA RIBEIRO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

LER NÃO É TÃO IMPORTANTE

O psicanalista e professor de literatura Pierre Bayard pede aos colegas: parem de fingir que leem tudo e admitam que não é essencial ler um livro até o fim.

Por Rita Loiola

Bayard afirma que é errado tentar impor regras para a leitura. “Ler um livro da primeira à última linha é uma entre mil formas de leitura que existem”, diz.

Quer dizer que é possível ser culto sem ler um único livro inteiro?

Sem ler uma obra da primeira à última linha? Sim, claro! Para uma pessoa realmente culta, o mais importante não é ter lido várias obras por completo, e sim saber se orientar, situar o livro e o autor dentro de um conjunto, para poder compará-los e relacioná-los com outros.

Quase todo mundo defende que uma pessoa precisa ler muito, mas nem todos leem? Por quê?

É justamente essa obrigação de ter que ler que nos impede de chegar aos livros. Sacralizamos tanto os livros, o fato de ler e ter que guardar todas as informações e detalhes dos textos, que acabamos morrendo de medo das palavras e, então,... não lemos. Prefiro evitar todo tipo de “dever” ou “obrigação” sobre esse assunto. A leitura é um ato de liberdade. Não há como impor regras a ela.

Não precisamos sentir culpa ou vergonha por não ter lido as grandes obras?

Não – é muito melhor ser sincero com si próprio. A obrigação de ler os clássicos ou de ler os livros do começo ao fim é tão grande que faz muita gente mentir que leu, até mesmo professores universitários. Instaura-se assim uma mentira coletiva da cultura sem lacunas,

de que devemos nos angustiar por não termos tanto quanto poderíamos. Mas não precisamos ter vergonha nem culpa. É melhor praticar a não-leitura ativa, ou seja, admitirmos que não lemos tal obra e, mesmo assim, falar sobre ela.

Você fala sério quando sugere que a não-leitura seja ensinada nas escolas?

Eu prefiro não dar conselhos. A ideia do que escrevi é mostrar uma forma leve e divertida de tirar a culpa do leitor por ele não ter lido essa ou aquela obra. Fazer com que as pessoas reflitam sobre a ação de ler, percam o trauma e, mais aliviadas, possam ler mais e livremente. Depois que os livros saíram, dezenas de pessoas vieram me confessar que ficaram mais calmas depois de perceber como ficam culpadas por não ter lido as grandes obras.

Se não temos a obrigação de ler tudo, por que alguém deveria ler seu livro?

Não deveria. Eu escrevo pensando em pessoas que se interessam pelos livros e que gostam de refletir sobre hábitos de leitura. Estudantes, professores, pessoas que estão na área das letras. Ninguém tem a obrigação de ler o que escrevi.

Então podemos falar de livros que não lemos?

Sim, é até melhor que a gente fale sobre um livro sem tê-lo lido completamente. Um debate nunca se limita a um livro: geralmente acaba na discussão sobre nossas noções de cultura e literatura. Se eu tiver as mesmas ideias e referências idênticas às das pessoas com quem estou conversando, qual a graça? Ai não existe uma boa discussão, não existe troca de ideias, não existe prazer. A boa discussão está em nunca conhecer tudo.

Não há o perigo de incentivar a preguiça de ler?

Não quero de modo algum dizer que não precisamos dos livros. Eu adoro ler, leio muito e não escrevi um tratado para que as pessoas parem de ler. A ideia é somente tirar o livro do pedestal do sagrado em que ele está. Quem incentiva a preguiça é a exigência de ler. Na escola, os alunos são obrigados a decorar detalhes do texto. Isso os afasta da leitura, concorda?

Em Como Falar de Livros Que Não Lemos, você dá conselhos e técnicas a quem quer ter essa atitude. As dicas vieram de experiência própria?

Quem vive no mundo da literatura, como no caso de professores como eu, sabe, na verdade, que não é preciso ler para falar de livros. Professores, críticos e jornalistas não têm tempo hábil de ler tudo o que poderiam, e isso acontece desde sempre. Então por que não admitem isso? Não é preciso decorar pontos e vírgulas para ter uma opinião sobre as obras. Para essas pessoas, criei algumas técnicas. Mas não vou enumerar para você porque eu sei que tem muita gente que vai comprar o livro só por causa dessa parte.

Você está ciente que o livro pode ser vendido como um guia dos picaretas da leitura?

Mas claro! Essa é a brincadeira, mas é muito melhor guardar segredo. Vai que o livro vira best seller também no Brasil.

(Fonte: <http://super.abril.com.br/cultura/ler-nao-tao-importante-447634.shtml>)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

A entrevista se caracteriza por ser um diálogo entre um entrevistador, que pergunta, e um entrevistado, que responde. Pelas respostas, o leitor conhece as opiniões, as ideias e alguns aspectos da vida pessoal ou profissional da pessoa entrevistada. Para distinguir a fala do entrevistador e a do entrevistado, é necessária a utilização de certos recursos gráficos.

- a) Quais foram os elementos empregados para diferenciar as perguntas das respostas no Texto gerador 1?
- b) Em que partes desse texto o entrevistado nos é apresentado? E o entrevistador?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Nesta atividade, o aluno deverá perceber que certos recursos visuais foram empregados na distinção das perguntas e respostas, com intuito de facilitar a sua leitura. Dentre eles, é possível destacar a própria disposição do texto, perguntas seguidas de repostas; o realce das perguntas, que aparecem em negrito e, enfim, a pontuação.

O aluno deverá notar, ainda, que o título e a lead anunciam quem será o entrevistado, no caso, o psicanalista e professor de literatura Pierre Bayard. Logo abaixo desses dois elementos, o entrevistador é identificado pela expressão “*por Rita Loiola*”, que é bastante usual no gênero.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Observe o trecho a seguir:

Na escola, os alunos são obrigados a decorar detalhes do texto. Isso os afasta da leitura, concorda?

Nele, podemos perceber que o entrevistado verifica se a sua mensagem está sendo compreendida, testando o canal. Sendo assim, podemos dizer que a função da linguagem predominante no trecho é:

- a) Fática
- b) Metalinguística
- c) Emotiva
- d) Referencial
- e) Conativa

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Reposta comentada

Para que o aluno tenha uma melhor compreensão sobre esse assunto, ele deverá conhecer os elementos da comunicação, pois foi a partir deles que o linguista Roman Jakobson distinguiu as funções da linguagem, relacionando-as aos componentes do processo comunicativo. Em cada ato de fala, dependendo de sua finalidade, destaca-se um dos elementos da comunicação, e, por conseguinte, uma das funções da linguagem.

Dominando esses conhecimentos, ele não terá dificuldade de perceber que a alternativa correta seria a letra *A*, função fática, uma vez que o foco recai sobre canal.

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II trata de um assunto bem atual, as cenas de novela que se confundem com a vida real e sua repercussão na internet. A partir dele serão trabalhadas questões de Leitura e Uso da Língua.

"O POLITICAMENTE CORRETO É CHATO"

A protagonista de “*Avenida Brasil*” diz que as pessoas estão se patrulhando demais, condena a busca da justiça pelas próprias mãos e afirma que acredita no Poder Judiciário.

Débora Falabella, 33 anos, fala baixo e evita se expor mais do que o necessário. Exatamente como a vingativa Nina de “*Avenida Brasil*”. A mineira de Belo Horizonte, no entanto, jura que não teria coragem de fazer justiça com as próprias mãos.

Isto é - Dá para comparar a atriz Débora Falabella e a personagem Nina da novela “Avenida Brasil”?

Débora Falabella - A Nina é uma heroína soturna, fechada. Eu também sou quieta, reservada e muito observadora. Isso ajuda na interpretação. Às vezes, a Nina me deixa com

uma energia pesada e tenho de conseguir afastar isso de mim. Eu trabalho diariamente durante 12 horas e, claro, a personagem acaba fazendo parte da minha vida.

Isto é - *O que é preciso para ser protagonista em horário nobre?*

Débora Falabella - *Ter muita tranquilidade. A repercussão é grande, tem muita gente pensando em você, existe uma responsabilidade enorme. Mas, até por ser uma atriz que mora em São Paulo, tenho um distanciamento que talvez me deixe um pouco mais pé no chão.*

Isto é - *A vingança provoca uma catarse popular. Isso atrapalha?*

Débora Falabella - *A maior loucura de tudo é que, talvez, a maior vingança seja a Nina seduzir os três homens da vida da Carminha (filho, marido e amante), algo que ela fez sem pensar. Mas eu não sou favorável a se fazer justiça com as próprias mãos. Ainda tento acreditar na Justiça do País, apesar de me decepcionar algumas vezes. Até fazer a novela, essa situação de vingança era distante para mim.*

Isto é - *Essa novela tem muita repercussão na internet. A sra. acompanha essa repercussão?*

Débora Falabella - *Nessa novela o público conseguiu juntar internet e televisão. O mundo está mudando e as pessoas estão mudando a forma de interagir. Os meios de comunicação estão completamente diferentes. Na novela das sete (“Cheias de Charme”), por exemplo, eles lançam clipes que vão direto para a internet. A internet mudou a forma de você se relacionar com os meios de comunicação. Vejo quando saem coisas engraçadas sobre a novela, algo que vale a pena. Tem muita informação e muitas opiniões são postadas na rede. Temos que saber filtrar.*

Isto é - *Como assim?*

Débora Falabella - *A internet é uma rede de reclamações. Você faz uma cena na novela e tem sempre alguém reclamando. Acho que essa coisa do politicamente correto está ficando muito chata. É estranho porque cada vez mais as pessoas têm liberdade, mas o tal do politicamente correto faz com que elas se contenham. O politicamente correto é chato.*

Isto é - Acha possível pai e filho amarem a mesma mulher, como está acontecendo na novela?

Débora Falabella - É possível sim. O caso dela é pior porque ela ama o Tufão como um pai, vê nesse homem a possibilidade da sua salvação. Quando ela vê que a felicidade desse homem está atrelada ao amor dela, que ainda gosta do filho, a história se torna mais trágica ainda. Talvez a maior dor da novela seja o momento em que a Nina descobre isso. Acho que as pessoas vão ficar com pena do Tufão porque o Murilo Benício tem feito as cenas de uma forma muito cativante. Não tenho a menor ideia de como eu reagiria no lugar dela. Acho que ficaria impactada.

Isto é - Como é sua relação com a Adriana Esteves, a Carminha?

Débora Falabella - Apesar de sermos inimigas na trama, temos de agir como uma dupla. É como fazer par romântico. Tem de haver uma química, uma energia, e desde o início tivemos isso. Nós nos tornamos muito amigas. Você gosta tanto da pessoa que tem uma grande liberdade com ela. Pode, somente na novela, é claro, te odiar, cuspir, bater, que não tem problema, estamos entregues uma para a outra. Nina e Carminha precisam ter uma ligação até porque, na história, elas são muito parecidas.

Isto é - Qual final deseja para a Nina?

Débora Falabella - Espero que ela termine feliz, que de uma forma ou de outra ela sinta que fez justiça. Talvez esse amor pelo Jorginho (Cauã Reymond) consiga salvá-la de tanto ódio. Espero que ela se realize e tenha paz, coisa que ela não consegue ter.

Fonte: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/235416_O+POLITICAMENTE+CORRETO+E+CHATO+

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

Já vimos que certos elementos são empregados para diferenciar a fala do entrevistador

e do entrevistado. O Texto Gerador II realiza essa distinção a partir dos mesmos recursos empregados no Texto gerador I? Explique a sua resposta.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Nessa atividade, os alunos deverão perceber que, divergindo do Texto Gerador I, além da pontuação, o Texto Gerador II marca as falas do entrevistador com o título da revista, Istoé, e as do entrevistado com o seu próprio nome, Débora Falabela. O nome do entrevistador não aparece no Texto gerador II. Em ambos os casos, a identificação aparece em negrito.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Observe o trecho a seguir:

“A internet é uma rede de reclamações. Você faz uma cena na novela e tem sempre alguém reclamando.”

Neste trecho a entrevistada dá sua definição para o que é a internet, explicando que esta é “*é uma rede de reclamações*”, enfatizando o código. Qual função da linguagem é usada no trecho?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Após o estudo das funções de linguagem, o aluno deverá perceber que, neste trecho predomina a função metalinguística, pois foi usada uma definição para o termo internet, focando no código.

QUESTÃO 5

Observe a seguinte passagem:

“Tem muita informação e muitas opiniões são postadas na rede”.

Nela, podemos notar que o sujeito da oração, “*muitas opiniões*”, não pratica a ação expressa pelo verbo postar, sendo, desta forma, um exemplo de sujeito paciente. Reflita e aponte uma razão que justifique a preferência do entrevistado em construir a oração com o sujeito paciente, omitindo o agente.

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

No trecho selecionado, “*Tem muita informação e muitas opiniões são postadas na rede*”, o foco são as informações e opiniões postadas na rede e não quem os posta. Isto mostra que, na passiva, quem sofre a ação recebe maior evidência, e torna-se o “*ponto de partida*” da frase.

TEXTO COMPLEMENTAR

Este Texto Complementar pertence ao gênero *reportagem*. Ele também trata dos programas de televisão e sua influência na sociedade.

DESCONTROLE REMOTO

Fictícia ou real, a violência na tevê afeta o dia-a-dia dos pequenos e deve ser motivo de acompanhamento e bate-papos entre pais e filhos.

Camilo Vannuchi, Eliane Lobato e Rita Moraes

Nas últimas semanas, imagens vindas do Iraque revelaram às crianças o que é um conflito de verdade. Na quinta-feira 10, a rede Record mostrou às seis horas da tarde cenas chocantes de um policial prestes a se suicidar em frente ao palácio do governo de São Paulo. O noticiário televisivo é recheado de casos de violência, como os frequentes ataques de narcotraficantes no Rio de Janeiro. As inserções e chamadas para fatos como esses pipocam o dia inteiro na tevê, mesmo durante a programação infantil. Nesta enxurrada de violência que invade a sala pela telinha, nem mesmo desenhos e filmes passam ilesos a um exame atento. Muitos deixam os pais de cabelo em pé, preocupados com o estrago que podem fazer nos filhos. Até por isso, o prefeito César Maia, do Rio, resolveu colocar de castigo o pequeno Shin Chan, menino endiabrado de apenas cinco anos que dá nome ao desenho exibido pela Fox Kids. Em fevereiro, baixou um decreto sugerindo que as emissoras evitassem o programa. Na opinião de César Maia, avô de quatro crianças com menos de oito anos, o pestinha – que mostra o traseiro quando contrariado – é um péssimo exemplo para a garotada que fica acordada até as 22h para se divertir com suas atitudes politicamente incorretas. E, segundo pesquisa divulgada recentemente nos Estados Unidos, há, sim, razão para se preocupar.

O estudo, realizado pela Universidade de Michigan, comparou a violência vista pelos pequenos na tevê com a praticada por eles na vida adulta. Entre 1977 e 1979, foram feitas 557 entrevistas com crianças entre seis e dez anos. O objetivo era saber quais os programas preferidos e com que frequência assistiam. Quinze anos depois, os pesquisadores voltaram a

329 delas e, comparando as informações prévias com uma análise de seu comportamento naquele momento, concluíram que meninos e meninas que tiveram maior exposição a cenas de violência tornaram-se mais agressivos. Na época, entre os programas violentos estavam Cyborg, o homem de seis milhões de dólares e Mulher Biônica. O desenho Papa-Légua era ícone da garotada e os seriados Dirty Harry e Justiça em dobro despertavam o mesmo interesse das novelas de hoje. Para o professor L. Rowell Huesmann, co-autor do estudo, tais programas passam a mensagem de que atos violentos são justificáveis e até apropriados em certas situações. É isso o que acontece quando um herói é recompensado ao vencer o bandido com tiros, socos e pontapés.

(...)

(Fonte: http://www.istoe.com.br/reportagens/24509_DESCONTROLE+REMOTO?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 6

Apesar de abordarem o mesmo tema, a programação da televisão, o Texto II e o Texto Complementar são bem diferentes. Além da apresentação, temos a linguagem diferenciada, que no Texto II, por ser uma entrevista permite o emprego da primeira pessoa e de um discurso direto, no Texto complementar vemos o uso da terceira pessoa, pois é uma reportagem e o jornalista usa o discurso indireto. Retire do textos passagens que comprovem essas afirmações.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista.

Resposta comentada

É necessário diferenciar a estrutura e linguística entre a reportagem e a entrevista. Sabendo que a reportagem deve informar de forma imparcial e objetiva é ressaltada nela o emprego dos verbos e pronomes em terceira pessoa. Observe o trecho: “*Nas últimas semanas, imagens vindas do Iraque revelaram às crianças o que é um conflito de verdade.*”.

No caso da entrevista, o entrevistado pode apresentar a sua visão sobre o fato tratado, utilizando verbos e pronomes em primeira pessoa, como no trecho: “*Mas eu não sou favorável a se fazer justiça com as próprias mãos. Ainda tento acreditar na Justiça do País, apesar de me decepcionar algumas vezes.*”.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

Agora que você já conhece as principais características do gênero, reúna-se com um colega e, juntos, entrevistem uma pessoa que julguem importante em sua comunidade.

Para que o trabalho seja bem-sucedido, siga o seguinte plano:

- A entrevista deve ser marcada com antecedência, informando-se o entrevistado sobre o assunto e a duração do encontro;
- Procurem informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista;
- Façam um roteiro com perguntas breves e objetivas;
- A entrevista deverá ser gravada;
- A dupla deverá ouvir a gravação para que seja compreendida;
- Por fim deverão transcrever a entrevista, sem as hesitações e repetições, diferenciar as perguntas das respostas e publicar o material no mural da sala.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog

Comentário

Recapitule, antes desta atividade, as informações básicas sobre os gêneros textuais trabalhados.

Durante a confecção do trabalho verifique se as perguntas estão adequadas e objetivas, se a linguagem corresponde ao gênero, se as informações estão suficientes e se os recursos utilizados distinguem bem as perguntas das respostas.

Se houver alguma discordância solicite aos alunos a reedição do trabalho.